

Se quiser experimentar DEUS

“Experiência” é como uma viagem. Aquele que viaja, que sai de si, que escapa à sua estreita prisão, que está pronto a envolver-se com novas paisagens e novas terras, poderá ter experiências de coisas novas. A experiência, portanto, exige uma abertura interior, um abrir-se para deixar que o novo entre dentro de nós. Para experimentar alguma coisa, devemos estar dispostos. Para que determinada percepção ou vivência chegue a ser uma experiência, dependerá da abertura interior e da disposição para deixar-se atingir e ser tocado por aquilo que vem ao encontro. Experiência pressupõe querer entrar em relação com o que vivenciamos.

Experimentar, muitas vezes, tem algo a ver com sofrer. Quem quiser se preservar de todos os perigos, terá que ficar em casa. Pôr-se a caminho pode ser perigoso, exige correr riscos, enfrentar o novo. Sem correr riscos, ninguém pode experimentar coisas novas. Faz experiência aquele que está pronto a provar alguma coisa, a ocupar-se com ela. Reúne experiências aquele que experimenta, que tenta, e que daí tira suas conclusões. Quem quiser acumular experiências tem, pois, que compará-las com aquilo que já experimentou. A experiência necessita de interpretação. Precisamos perguntar-nos pelo significado de tudo aquilo que nos “ocorreu”, que veio ao nosso encontro.

Toda experiência se dá através dos sentidos, também a experiência de Deus. Mas com os sentidos não podemos apreender a Deus diretamente. Depende de nós como queremos interpretar e compreender aquilo que experimentamos com nossos sentidos. Depende de nós se queremos experimentar aquilo que se encontra por trás do que nos ocorre. Por isso o encontro com as pessoas, a experiência da criação e as vivências feitas em nossa viagem nos colocam dentro do mistério de Deus. Não podemos provar Deus através de experimentos. Mas, naquilo que vivenciamos, nós podemos analisar o que se encontra por trás, o que transparece. E então – às vezes, mas nem sempre – o próprio Deus pode se manifestar.

Com a experiência religiosa se ocuparam sobretudo os estudiosos da fenomenologia da religião. Dizem que todo ser humano traz em si um sentido para o sagrado. Com este sentido para o sagrado, que nos é inato, percebemos o mundo, aí reconhecemos intuitiva e afetivamente o mistério de Deus, assim como intuitivamente percebemos o belo. É na afetividade e no sentimento que Deus pode tocar o ser humano, e é com a afetividade e o sofrimento que experimentamos a Deus. A experiência religiosa é muitas vezes uma irrupção afetiva. De repente, tudo se torna claro. Todos nós claramente possuímos dentro de nós uma disposição religiosa. Só assim nos tornamos capazes de experimentar Deus quando ele nos fala na criação ou através de sua palavra. Há dentro de nós o desejo humano de plenitude, onde todos os nossos cuidados e preocupações entrarão em repouso. Como Deus colocou este desejo em nossos corações, em tudo que vem ao nosso encontro e em tudo que percebemos, podemos reconhecer Deus como aquele que satisfaz o nosso mais profundo desejo.

Referência bibliográfica: (GRÜN, Anselm. **Se quiser experimentar Deus**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001).

O ser humano em busca de Deus

O ser humano não é alguém que já tenha encontrado Deus, mas sim alguém que o procura durante toda sua vida. O ser humano procura Deus porque antes Deus o procurou. Deus é como aquele que em meio à multidão procura seu operário. Aquele que procura a Deus anseia por encontrar em Deus a verdadeira vida, experimentar em Deus uma nova qualidade de vida ou mesmo uma nova identidade.

Quando caminhamos para Deus, estamos sempre em movimento. Nunca podemos ficar estacionados. Deus sempre de novo nos interroga. Assim como Ele perguntou a Adão, da mesma maneira nos pergunta também: “Adão, onde estás?” (Gn 3,9). *Onde estás? Estás realmente ali onde te encontras neste exato momento? Ou estás com teus pensamentos e desejos num lugar distante? Deixas-te achar por mim, ou estás fugindo, te escondendo de mim, não querendo me encontrar?*

*“Deus, eu te procuro nas ruas e praças, nos becos e casas.
Te busco em toda parte.*

*Me dizem que teu trono é lá em cima, e elevo o pensamento para o céu.
Dizem que estás nos abismos, e te busco no fundo de minhas angústias.*

*Só na igreja tu serias encontrado, assim falam as vozes,
e eu te busco nos santuários de pétreas paredes.*

*De joelhos anseio por ti ante a porta fechada do sacrário,
sob a luzinha vermelha que promete tua presença.*

Como podes ouvir-me atrás de portas tão espessas ?

Como podes vir a mim?

Eu não tenho a chave para te trazer ao mundo.

Ele é a Palavra, gritam-me, e só na Palavra pode ser encontrado.

Na palavra que sacia a minha fome.

Busco-o em minha câmara oculta:

O Reino de Deus está dentro de ti!

Te encontrei e, no entanto, continuo a buscar bem no fundo do meu ser”.

A razão de buscarmos a Deus é que Deus nos procura e nos tocou com seu amor, que implantou em nosso coração os sinais do Seu amor.

Imagem de Deus e imagem de si

“A vida eterna consiste em que te conheçam a ti, um só Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo que enviaste” (Jo 17,3). Vida eterna significa em João vida verdadeira, vida em abundância, uma nova qualidade de vida, uma nova intensidade de vida. A vida eterna não é a vida depois da morte, e sim a vida que já nesta terra participa da eternidade, que já está perpassada pelo Deus em que o céu e a terra se tornam uma só coisa, em o que o tempo e a eternidade se tocam em que Deus e o ser humano se fundem em um só. É por esta vida, por vida verdadeira, que hoje o ser humano anseia.

Olhar para Jesus nos leva a participar de sua vida eterna e de seu amor.